

O professor e os alunos: uma experiência com os meios de comunicação¹

Tania Maria Esperon Porto *

Resumo

Os Meios de Comunicação de Massa - MCM e a escola estão presentes na vida dos estudantes, criando valores, conceitos, atitudes, enfim, desenvolvendo comportamentos de todas as espécies. Com este trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a relação da escola com os MCM, que fazem parte do dia-a-dia da grande maioria dos cidadãos brasileiros, seduzindo-os e envolvendo-os com suas artimanhas, muitas vezes imperceptíveis. Realizamos, ainda, uma experiência de pesquisa para aproximação da escola com a realidade dos alunos, através do trabalho pedagógico com uma telenovela. O objetivo da pesquisa era tornar dinâmico e interessante o ensino-aprendizagem e buscar a participação do aluno "no processo de leitura da realidade" pela vivência da Pedagogia da Comunicação, a qual possibilitou o entrecruzamento intencional de diferentes mídias, principalmente de duas instâncias do saber: **televisão e escola**. A TV, texto muito presente na vida do aluno, serve-se de um recurso que a escola há muito tempo deixou de utilizar: **a própria vida**. Enquanto texto imagético, destaca e privilegia a apreensão dos aspectos por ela focalizados. A escola, ao utilizar o texto televisivo: a) trabalha com um material que é agradável ao aluno e compõe o seu dia-a-dia; b) introduz a vida na escola, alcançando, por intermédio deste texto, inquietações, interesses e dúvidas dos alunos sobre temas vitais; c) colabora não só na formação do telespectador crítico mas vai além, na direção da formação do **cidadão crítico**.

Palavras-Chave: aluno - televisão - escola.

Abstract

The means of mass communication - MCM - and school are present in the student's lives nowadays, raising values, concepts, attitudes and developing all sorts of personal conducts. We intend, through this work, to bring up a cogitation on the relation of school and these means of communication which make part of the majority of brazilian citizen's day by day, seducing and getting them involved in their tricks, most of the times in an imperceptible way. Still, we expose our research experience where we have tried to get school closer to the student's realities. The purpose of the focused research was to make the teaching and learning process something more dynamics and interesting. We used intentionally - in the school space - an intersection of two important knowledge segments: TV and school, trying to get student involved in "the reality reading process".

Key-Words: student - television - school.

¹ Trabalho originado da apresentação de painel no VIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino em Florianópolis, SC - maio de 1996.

* Doutora em Educação e Professora do Curso de Mestrado em Educação da FaE/UFPeI

O estudante convive com duas realidades: ora tendo que seguir os parâmetros propostos e exigidos por uma escola reprodutora e ora vendo através da mídia uma realidade dinâmica e estética da sociedade, cuja cultura está em constante efervescência.

A TELEVISÃO e a ESCOLA, instituições organizadas da sociedade civil são reconhecidas como instância de lazer (a TV) e instância de saber e conhecimento (a ESCOLA), entrecruzando-se num ponto comum: o da reprodução cultural.

Os Meios de Comunicação de Massa - MCM - embora não pretendendo ensinar, ensinam muito. E a escola, que tem a seu encargo o ensino, ensina pouco, ou mesmo não consegue a aprendizagem do aluno.

Com este texto, apresentamos, inicialmente, uma reflexão sobre a relação da escola com os MCM, que fazem parte do dia-a-dia da grande maioria dos cidadãos brasileiros, seduzindo-os e envolvendo-os com suas artimanhas, muitas vezes imperceptíveis. Expomos uma experiência de pesquisa por nós realizada para aproximação da escola com a realidade dos alunos.

O objetivo desta pesquisa era tornar dinâmico e interessante o ensino-aprendizagem pelo entrecruzamento intencional (no espaço escolar) de duas instâncias de saber: **televisão e escola**, buscando a participação do aluno no processo de "leitura da realidade".

A TV, parte do objeto deste estudo, divulga normas, atitudes, valores, modos de agir e de pensar que são absorvidos por todos, nas diferentes classes sociais, de acordo com suas especificidades.

As pessoas assistem à televisão apreendendo as mensagens que mais se adaptam ao seu modo de ser e de ver as coisas, utilizando-se das representações sociais para organizar a leitura do meio de comunicação e tornar-se "operador das mensagens". Para Rosado (1990), representação social significa que, diante de cada objeto social (concreto ou abstrato), o indivíduo constrói uma certa idéia que lhe permite interagir com esse objeto segundo os modelos de conhecimento já introjetados.

Estes meios alcançam todo tipo de público, independente de idade, sexo, classe social, credo ou etnia, além de se constituírem na principal forma de lazer das classes sociais menos favorecidas sócio-economicamente. O poder de penetração, a rapidez, o dinamismo e a atualização das mensagens que divulgam, exercem um papel socializador de amplo alcance.

Os MCM trabalham com diferentes linguagens. Respondem à sensibilidade dos que os vêem, exploram a imaginação, os sentimentos e a emoção na dualidade ficção-realidade (Porto, 1994).

E os estudantes, como se posicionam frente à realidade comunicacional?

Penteado (1983), Witter (1991), Fischer (1993) e Porto (1994) apresentam dados que indicam o envolvimento dos estudantes com os meios de comunicação, principalmente com a televisão. *"A TV participa do cotidiano dos alunos com a mesma naturalidade que um objeto de uso pessoal. Muitos adolescentes inclusive afirmam que não saberiam o que fazer se ficassem sem televisão"* (Porto, 1994).

Para Babim e Kouloumdjian (1989), os jovens, frente à nova realidade tecnológica, têm novos modos de compreender e de se envolver com as questões atuais. Os estudantes de hoje já nasceram sob a influência dos MCM e, conseqüentemente, já criaram outros códigos para entendimento e envolvimento com o mundo.

Utilizam-se de referenciais diferentes dos adultos para estabelecer relações (consigo mesmos e com as circunstâncias sociais em geral), apesar da família e da escola não considerarem este dado.

O que a escola pode fazer frente à *realidade da sociedade tecnológica?*

O entrecruzamento intencional da atividade pedagógica escolar com os meios de comunicação de massa pode contribuir para a mudança do trabalho didático realizado no espaço escolar, hoje marcado pelo desestímulo e desânimo de seus agentes e pela distância entre os focos deste e a realidade circundante.

Babin e Kouloumdjian (op. cit.) propõem o funcionamento da "escola em estéreo", que significa utilizar dois tempos no sistema de formação do aluno: atender os apelos dos sentidos, das emoções e considerar o raciocínio abstrato, a cognição, deslocando-se de um para outro, porém respeitando os pontos de vista e predominâncias.

Nesse sentido, a escola ideal tem que estar ligada "às coisas do mundo" e proporcionar a participação dos sujeitos escolares, entrecruzando as memórias do passado e as vivências do cotidiano. Os autores propõem, em substituição à "escola-loja", onde o saber é apenas consumido, a "escola-mesa",

"...mesa sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu, a fim de ligar, isto é, de completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação" (Ibid p.150).

A formação desta consciência deve acontecer na prática escolar e, para isso, a escola tem que se permitir que a vida aconteça dentro dela. O

cotidiano e as experiências significativas dos alunos e dos professores têm de se intercambiar.

A escola é assim concebida para a comunicação. Comunicação entre os sujeitos da escola (professores e alunos) e os seus saberes (que atualmente se originam em grande parte dos MCM), e comunicação destes sujeitos a partir de seus saberes com o saber universal, o saber científico reconhecido e representado pelo professor em sala de aula, em alguma medida.

A escola atual não acompanha "os desejos" que o mundo dos lazeres desperta nos indivíduos. Nela, o aluno tem que fazer silêncio, ter disciplina. "*Nada de conversa, nada de troca, a não ser no espaço limitado do recreio*" (Kenski, 1994, p.13).

De acordo com Penteadó (1991), é necessário que a escola defina, não de antemão, o que é significativo ou não para o aluno, em função de sua cultura de origem, mas que considere os diferentes segmentos culturais presentes na sala de aula, trazidos pelos sujeitos que a fazem.

A escola, em seu papel conservador, tem ignorado a existência dos meios de comunicação. Surge, assim, a necessidade de uma pedagogia que estabeleça comunicação escolar com os conhecimentos dos sujeitos escolares, considerando os meios de comunicação.

O meio não é a mensagem. Para Kenski, a mensagem está no efeito do meio sobre o aluno. "*E é esta mensagem que a escola precisa recuperar nos alunos para, a partir dela, realizar, completar, ampliar a aprendizagem*" (op. cit., p.14).

Considerando o papel que a escola pode desempenhar nesse mundo permeado pelas comunicações, apresentamos, a seguir, uma experiência por nós vivida numa turma de 5ª série do 1º Grau de uma escola pública de periferia, no interior do estado de São Paulo.

Segundo os professores da escola, esta classe era a mais problemática. Segundo eles, "*os alunos tinham muitos limites*", "*eram incapazes de fazer o que se pedia*" e a maioria deles já vinha de uma reprovação.

É na 5ª série que as pesquisas demonstram os maiores índices de reprovação e de evasão no 1º Grau.

O nível sócio-econômico dos alunos era classe média baixa.

Assumimos estas características como desafios.

A experiência consistiu em trabalhar com meios de comunicação em sala de aula.

O trabalho realizado permitiu um ambiente de aprendizagem facilitador a uma participação produtiva do aluno, superando as "qualificações" apresentadas pelos professores. Não utilizamos recursos sofisticados (além daqueles presentes na vida dos sujeitos escolares) e nem

enfrentamos grandes "complicadores". Para sua efetivação, fez-se necessário, principalmente, a *disposição de levantar e investir nos interesses, vivências e necessidades dos alunos*.

Durante o período letivo de 1994, realizamos na escola uma **pesquisa participante**. No primeiro semestre letivo, convivemos com professores, alunos, direção e demais funcionários da escola, em situações de aula e fora dela, e realizamos levantamentos e análises dos dados obtidos nas diferentes ocasiões. No segundo semestre, vivemos, como **professor pesquisador**, uma experiência com o uso de uma metodologia alternativa² que privilegiou "*leituras de um texto televisivo: telenovela*"³.

Os dados levantados mostraram o envolvimento dos jovens adolescentes (35 alunos na faixa etária de 10 a 15 anos) com os MCM, principalmente com a televisão; os alunos assistiam a programas durante 6 horas diárias, em média.

Pelas escolhas de estudantes adolescentes de diferentes pesquisas - Penteadó (1983), Witter (1991) e Porto (1994) -, observamos que nesta faixa etária, além de darem preferência à Globo, vêem mais programas para adultos que programas infantis, entrando em contato, por meio das representações televisuais, com o mundo e a cultura dos adultos mais cedo do que as gerações anteriores.

Os dados dos pesquisadores citados mostram que a ficção televisiva ocupa um grande espaço na escolha da programação pelos adolescentes. Nesta escola, este dado também se revelou, pois os alunos escolheram para "bater-papo"⁴ em sala de aula a novela "A Viagem", de Ivani Ribeiro, que ia ao ar pela Rede Globo naquele momento.

Começamos um trabalho de "leitura de telenovela" para levantar os assuntos, valores, conceitos e comportamentos que os alunos registravam em sua memória "seletiva" após assistirem à novela em seus lares. Estes elementos serviram para montar a "Pedagogia da Comunicação" (Penteadó, 1991, Gutiérrez, 1993), que procura oferecer condições aos alunos *para falarem, ouvirem e entenderem o seu mundo*.

A pedagogia foi estruturada considerando as idéias da autora anteriormente citada e de Paulo Freire (1979, 1982), Georges Snyders (1988),

² Embora não a consideremos alternativa, usamos este termo porque a citada metodologia ainda não se inscreve nos procedimentos didáticos vigentes em sala de aula.

³ Textos televisivos são diferentes tipos de programas que existem na TV e podem se tornar textos de estudos na escola.

⁴ Termo este propositalmente utilizado para aproximação com a linguagem do aluno, para quem a televisão e sua programação não constituem tema de aula.

Babin e Kouloumdjian (1989) e Dermeval Saviani (1991), no que as teorias têm de comum: *a vinculação educação e sociedade*. Buscamos, através da metodologia adotada, a satisfação cultural do aluno, através da renovação dos conteúdos culturais da escola.

Procuramos proporcionar atividades escolares que estimulassem a curiosidade e iniciativa dos alunos, despertando-os para a compreensão da realidade.

A pedagogia procura que o educando se converta de agente passivo em consumidor ativo, livre, responsável e crítico dos meios de comunicação através de diferentes formas de expressão criativa - livro, jornal, revista, vídeo, TV (Gutiérrez, 1993).

A experiência aconteceu nas disciplinas de Português e Educação Artística, trabalhadas de forma integrada. Pela abrangência dos temas, poderia ser realizada com outras disciplinas, o que não ocorreu porque não tivemos a adesão desses professores.

O "diálogo problematizador" foi utilizado para desvendar símbolos imagéticos e cognoscitivos e propiciar ao aluno um ambiente estimulante à construção de conhecimentos.

Os conhecimentos e a metodologia foram surgindo a partir da dialogicidade do professor pesquisador com os alunos, destes entre si, e de ambos com os meios de comunicação disponíveis ao aluno em sua casa e no espaço escolar. Na escola, trabalhamos com:

- levantamento de temas da telenovela, pelos alunos;
- exercícios de descrição de personagens a partir da novela, comparando-os com os papéis sociais de nossa realidade;
- leituras de textos (jornais, revistas e livros) sobre os temas levantados;
- uso de material em vídeo do Programa formação do telespectador: uma experiência de educação para a mídia" (Belloni, s.d.);
- exercícios de exposição em vídeo, de segmentos de novela com e sem som;
- exercícios de leitura de imagens fotográficas e televisivas;
- realização de entrevistas pelos alunos sobre os temas estudados, junto a mulheres adolescentes e donas de casa;
- montagens de trabalhos escritos e textos visuais pelos alunos, em grupo, sobre os temas trabalhados;
- apresentação dos trabalhos na Feira Científico-Cultural realizada na escola.

Alguns resultados

Os trabalhos realizados deixaram claro que os alunos, ao chegarem à escola, já dominam, de modo geral, características específicas do texto

televisivo. O que eles ainda não conseguem estabelecer é a relação entre o conteúdo do texto televisivo e a realidade a que se refere, correndo o risco de "tomar o texto televisivo por realidade".

O trabalho com a TV na escola permitiu partir da cultura primeira do aluno (de senso comum, adquirida em contato com o cotidiano) em direção a uma cultura mais elaborada, capaz de conscientizar o aluno da sua realidade.

Dificuldades surgiram durante a realização de alguns destes trabalhos.

Os alunos, por estarem habituados com uma escola discriminadora e repressiva que, no entender de Saviani (1991), reproduz as relações de dominação e legitimação de poder existentes na sociedade de classe, não estavam acostumados com *metodologias participativas*. Demonstraram dificuldades para se organizarem em grupos de trabalho. Falavam todos ao mesmo tempo e, quando eram solicitadas suas idéias e decisões perante o grupo, não sabiam como expô-las. Isto exigiu uma orientação específica sobre "trabalho em grupo".

Os trabalhos realizados (a maioria em linguagem imagética) mostraram que o entusiasmo e o envolvimento dos alunos não se obtêm por decreto ou por imposição da escola, mas pelo significado que a atividade proposta nas diferentes disciplinas escolares possa ter em suas vidas.

Os resultados mostraram que os alunos responderam construtivamente quando atendidos e incentivados em seus interesses e necessidades sócio-educacionais. Os temas percebidos pelos alunos na novela surgiram de suas vivências (como alunos naquele momento histórico). Retrataram aspectos das relações sociais de seus cotidianos e a vida nas grandes cidades (amizades, namoro, casamento, pais e filhos e dificuldades da vida social), presentes nos meios de comunicação em geral, permitindo um trabalho interdisciplinar e integrador entre as disciplinas.

Os professores, diante das dificuldades por eles vividas com essa classe, não apostaram na capacidade dos alunos em fazerem um trabalho para a Feira Científico-Cultural. Dois episódios podem ilustrar as respostas dos alunos às atividades propostas:

- a) Os estudantes não só conseguiram produzir trabalhos de qualidade, como uma das alunas (11 anos), classificada pelos professores como "*indisciplinada e rebelde*", participou do trabalho e assumiu a função de monitora para explicar os trabalhos (do seu grupo e dos demais colegas) ao público que esteve presente à Feira. Este comportamento surgiu espontaneamente de sua própria iniciativa. Foi dada autonomia à aluna para criar e ela foi além.

b) Outra situação é o caso de um menino (14 anos), considerado pelos professores como "indisciplinado, sem pré-requisitos, muito desligado, só querendo saber de brincar". Este aluno, desde a primeira atividade proposta, envolveu-se e participou espontaneamente nos exercícios realizados **em classe**. Aqui um parêntese se faz necessário: muitas das atividades para casa não foram por ele realizadas, até porque existe uma história na escola, segundo a qual os alunos não realizam as lições de casa. É preciso, todavia, registrar que nenhum uso era feito em sala de aula, das tarefas solicitadas.

A esse respeito, pudemos observar um aumento na execução de tarefas, do início até o final do experimento. Algumas explicações apresentamos para esse fato: (i) tais tarefas foram incorporadas no desenvolvimento das aulas para as quais foram pedidas; e (ii) as tarefas responderam ao interesse imediato dos alunos no que se refere aos temas por eles selecionados e contribuíram para a participação na Feira Científico-Cultural.

O aluno em questão demonstrou criatividade e entendimento da proposta na montagem dos trabalhos finais, surgindo como líder natural em seu grupo. Tomou para si a responsabilidade de completar os trabalhos em sua casa, mostrando que estes tinham significado para sua vida de jovem.

A TV, texto muito presente na vida do aluno, serve-se de um recurso que a escola há muito tempo deixou de utilizar: **a própria vida**. Enquanto texto imagético, destaca e privilegia a apreensão dos aspectos por ela focalizados.

A escola, ao utilizar o texto televisivo:

- ◆ trabalha com um material que é agradável ao aluno e compõe o seu dia-a-dia;
- ◆ introduz a vida na escola, alcançando, por intermédio deste texto, inquietações, interesses e dúvidas dos alunos sobre temas vitais;
- ◆ colabora não só na formação do telespectador crítico mas vai além, na direção da formação do **cidadão crítico**.

Nesse sentido, as avaliações feitas pelos alunos esclarecem que os alunos não só gostaram dessa experiência, vivida como solicitaram que "*fosse novamente repetida no ano que vem*".

Quando questionados sobre o que aprenderam com o trabalho, declararam:

*"aprendi a mexer com o jornal... a fazer trabalhos..
aprendi que nem tudo que acontece na novela é verdade..
aprendi a conversar e a respeitar os outros sem discriminação..."*

aprendi coisas interessantes que nunca tinha reparado..."

Finalizando a análise desta experiência, desejamos compartilhar com os colegas aqui presentes as seguintes questões:

Será que as dificuldades por nós constatadas em nossos alunos são devidas a problemas inerentes ao seu perfil?; ou será que são dificuldades vividas por nós professores na organização de propostas de ensino interessantes e significativas para nossos alunos?

Referências Bibliográficas

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie France. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BELLONI, Maria Luiza. *Programa formação do telespectador - uma experiência de educação para a mídia*. Brasília: Universidade de Brasília / Centre Internacional de l'enfance, s.d.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar*. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1993
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GUTIÉRREZ, Francisco. *Pedagogía de la comunicación en la educación popular*. Madrid: Editorial Popular, O.E.I., Quinto Centenario, 1993.
- KENSKI, Vani Moreira. *O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias...* Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 25 julho de 1994.
- PENTEADO, Heloisa Dupas de Oliveira. *A televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes*. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, Estudos e Documentos, 1983.
- _____. *Televisão e escola: conflito ou cooperação*. São Paulo: Cortez, 1991.

- PORTO, Tania Maria Esperon. A televisão e a criança que a vê. *A Didática em revista*. Rio Grande: DECC / FURG, v. 1, n. 1, p. 36-43, jul./dez. 1994.
- . Televisão e escola: escolas paralelas? *Comunicação e Educação*. São Paulo: USP / ECA, v. 2, n. 4, p. 25-30, set./dez. 1995.
- ROSADO, Eliana Martins da Silva. *Communication mediatisee et processus d'evolution des representations. Etde de cas: la representation de l'informatique*. Lyon: institut de Psychologie, Universite Lumiere Lyon, 1990. (Tese, Doutorado em Psicologia)
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1991 (Coleção Polêmicas do nosso Tempo).
- SNIDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.
- WITTER, Carla. *A televisão e o adolescente: análise de conteúdo da programação preferida*. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1991 (Dissertação, Mestrado em Psicologia).